

Parque terá proteção de cerca viva

■ Floresta da Tijuca ganhará cinturão de espécies nativas para deter os invasores

DANIELA MATTA

Nos últimos cinquenta anos, o Parque Nacional da Tijuca perdeu quase 40% de sua área por causa de agressões dos homens, que ergueram favelas e mansões. Quem vai salvar a maior floresta urbana do mundo das freqüentes invasões são as próprias árvores. Dentro de um mês, o parque começará a ser cercado por um cinturão de espécies nativas, para tentar impedir o surgimento de construções irregulares. A cerca viva envolverá 3,3 mil hectares.

Hoje existem aproximadamente 200 mil pessoas morando ilegalmente na reserva, segundo Chico Aguiar, novo responsável pelo parque. "Este é o projeto mais urgente e importante", afirma. A cerca viva deverá levar pelo menos um ano para ser concluída. Os técnicos da prefeitura ainda não decidiram qual será a espécie de árvore escolhida, mas sabem que deverá ser nativa da Mata Atlântica e ter raízes profundas para ajudar a combater o deslizamento das encostas.

Limpeza — Entre a cerca e o parque, Chico pretende deixar uma faixa livre para facilitar a atuação dos fiscais. As cabines de polícia serão recuperadas e ainda este mês o Lago das Fadas e o Açude da Solidão — ambos localizados na floresta — começarão a ser desassoreados. Dentro de 15 dias, a Comlurb deverá destinar uma equipe para limpar todas as estradas e recantos.

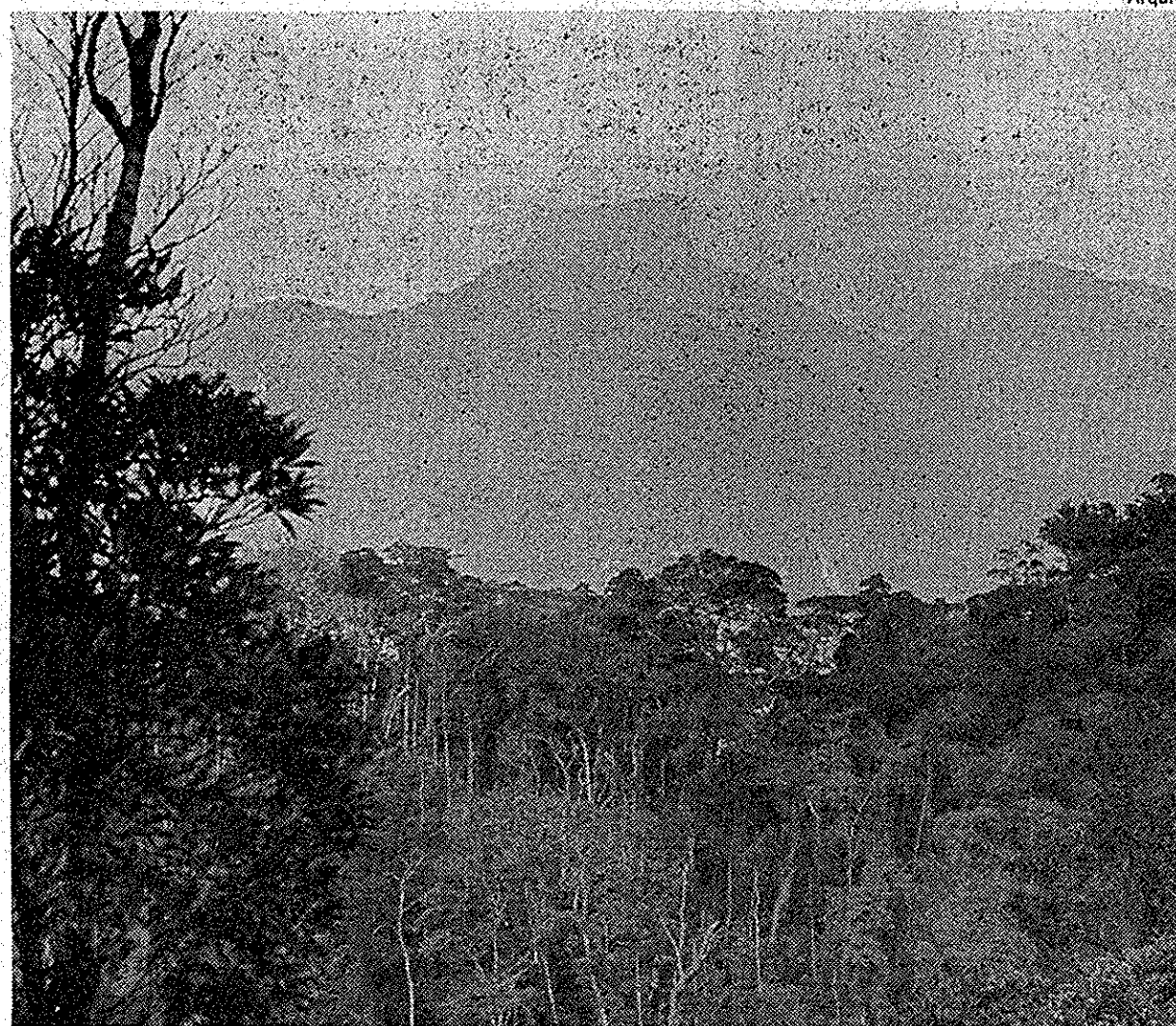
A nova administração já come-

çou a fazer um levantamento dos principais problemas que afetam o local. "Vamos elaborar um diagnóstico dos danos causados nos últimos 60 anos", afirmou Chico. Ele aguarda recursos do Ibama para encomendar fotos de satélites, que vão ajudar a identificar e delimitar áreas invadidas.

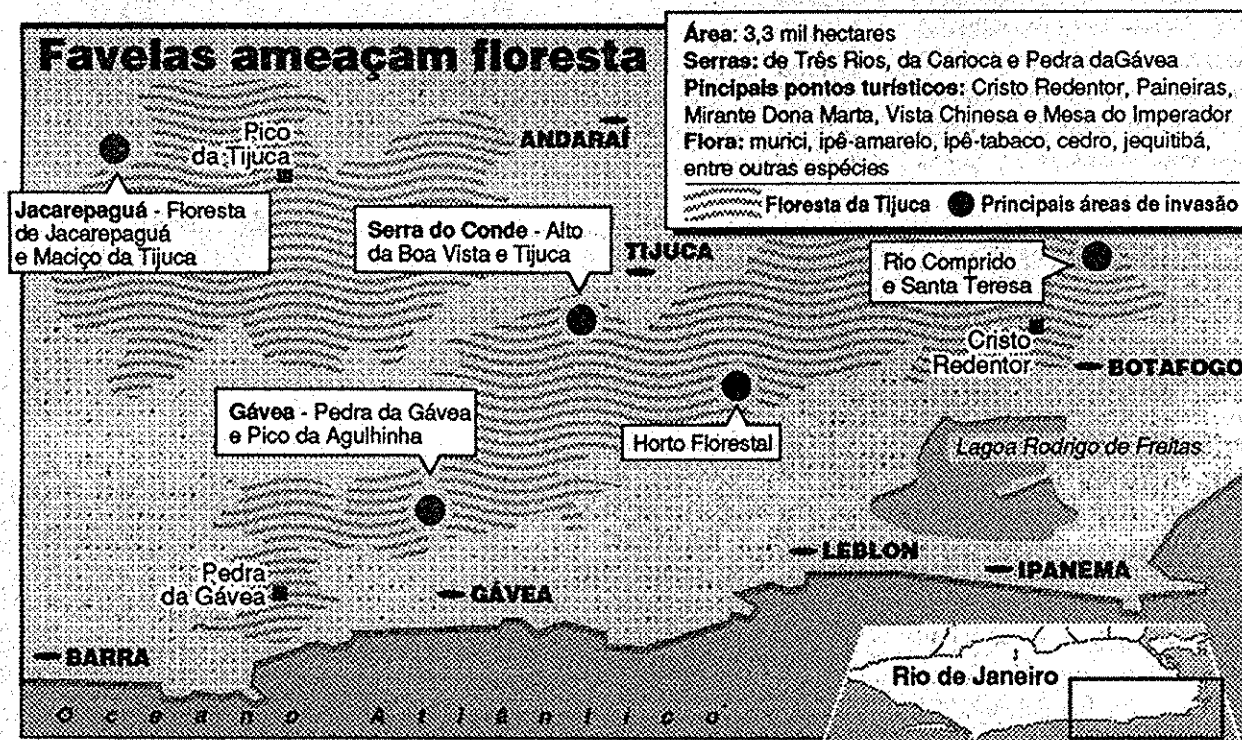
Computadores — Para incentivar o turismo ecológico, antigas trilhas como a Cova da Onça — próxima ao Restaurante Esquilos — serão reabertas e sua manutenção deverá ser entregue a centros excursionistas. Na semana passada, Chico Aguiar entrou também em contato com a Associação de Vôo Livre. Ele quer que a Pedra da Gávea seja adotada pelos pilotos de asa delta, que recuperariam o local e o mantiriam limpo.

A meta agora é atrair novamente a atenção dos visitantes, que andam meio desaparecidos. Chico encomendou um projeto à Escola Técnica Federal do Rio de Janeiro para colocar nas entradas do parque computadores para informar a localização dos restaurantes e dar dicas de roteiros. As placas informativas também deverão ser trocadas.

Algumas obras de revitalização do parque já começaram. Com verbas municipais, encostas do Corcovado que apresentavam risco de deslizamento e parte da escada que leva ao Cristo Redentor estão sendo recuperadas a um custo de R\$ 75 mil.



Uma das poucas áreas não invadidas do parque: segundo a administração, 40% do território já foi ocupado



Uma antiga história de devastação

No final do século 18, vários fazendeiros começaram a chegar à Floresta da Tijuca trazendo mudas de café. A terra fértil atraiu mais de 140 homens que devastaram quase 80% da área para plantar cana-de-açúcar e café. Em 1862, a área começou a ser recuperada por ordem do imperador Dom Pedro II. O trabalho — levou 13 anos para ser concluído e devolveu à área espécies nativas como a quaresmeira, o ipê-amarelo e a embauca. Foram introduzidas também árvores exóticas e frutíferas totalizando 100 mil mudas.

Em 1856, começaram a ser desapropriados os terrenos vizinhos às nascentes. Em 1861, o ministro da Agricultura, Manuel Felizardo de Souza e Mello, autorizava por decreto o plantio e conservação das florestas da Tijuca, com a aprovação do imperador. Foram nomeados para a tarefa o major Manoel Gomes Archer e Tomás Nogueira da Gama.

A primeira muda foi plantada em janeiro de 1862. Para o reflorestamento, o major recebeu seis escravos: Eleutério, Constantino, Manuel, Leopoldo e Maria. Durante os 13 anos foram plantadas 100 mil mudas das quais 45.777 vingaram se juntando às 16.075 remanescentes. Em 1874, o tenente Henrique de Robert de Escagnolle assumiu a administração e plantou mais 35 mil mudas.

Em 1961, foi criado o Parque Nacional do Rio de Janeiro e, em 1973, o governo da Guanabara entregou a floresta ao Ibama, que a entregou ao Parque Nacional da Tijuca. No início do ano, governo federal, estado e município começaram as negociações que culminaram com a assinatura do convênio de cogestão de toda a área do parque.

